

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

BRAÇO FORTE

O volume de pacientes internados por Covid-19 no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, caiu até 78% após o início da vacinação, entre janeiro e julho deste ano.

AGULHA Segundo a instituição, essa redução se deu no total de pessoas internadas com idades entre 60 a 69 anos em comparação ao período pré-imunização desse público.

AGULHA 2 Também houve queda de mais de 50% em internações de pacientes com idades de 70 anos ou mais após o início da vacinação. Contudo, houve alta de 55% nas internações de pessoas com menos de 50 anos entre abril e junho —quando elas não tinham acesso à vacina.

PALHEIRO Segundo o hospital, com o avanço da imunização a admissão de pacientes de faixas etárias vacinadas foi de duas a cinco vezes menor, enquanto as internações em UTI caíram de duas a oito vezes.

PICADA O levantamento considerou quatro faixas etárias: 80 anos ou mais; entre 70 e 79; de 60 a 69; e de 50 a 59. Como grupo controle, formado pela população à época sem acesso à vacina, foram avaliadas as internações de pacientes com até 50 anos.

PASSOS O levantamento aponta um número maior de internações por Covid-19 antes, durante e logo após a vacinação, quando o imunizante ainda não teria provocado efeito. Elas, porém, diminuíram à medida que a cobertura vacinal da população progredia.

TORCIDA Apoiadores da candidatura de Sergio Moro para a Presidência consideram o dia 12 de setembro o divisor de águas para convencê-lo a concorrer nas eleições de 2022. Na data ocorrerão manifestações em cidades como São Paulo por uma terceira via no pleito do ano que vem.

CORAÇÃO "Queremos sensibilizar o coração e a mente do Moro", diz o empresário curitibano Fábio Aguiar, amigo e idealizador de um movimento para eleger o ex-ministro.

ÂNIMO Apoiadores do também ex-juiz da Lava Jato se animaram com a pesquisa XP/Ipsospe na qual Moro (9%) aparece praticamente empatado com Ciro Gomes (10%) no terceiro lugar das intenções de voto em um dos cenários avaliados.

RANKING Um estudo coordenado pelo Centro de Pesquisa em Comunicação, Política e Saúde Pública da Universidade de Brasília mostrou que os brasileiros se preocupam mais com a corrupção do que com a saúde e o meio ambiente.

RANKING 2 Cada entrevistado podia apontar dois problemas que considerava principais. Corrupção, com 54% das menções, lidera, seguido de saúde (46%) —meio ambiente ficou em sétimo, com 3%. A pesquisa, em parceria com o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados, foi realizada entre os dias 30 de junho e 13 de julho, com 1.009 pessoas.

PAPO O ministro Paulo Guedes participa de debate virtual sobre o lugar do Brasil no mundo. O evento da Câmara de Comércio Internacional será nos dias 27, 28 e 29 de setembro.

NAS REDES



@claudialeitte no Instagram



@erikajanza no Instagram



@ticipinheiro no Instagram

A cantora **Claudia Leitte** **1** posou em estúdio. "Alimentando o alma com música!", escreveu. A atriz **Erika Januza** **2** publicou uma selfie. A apresentadora **Ticiane Pinheiro** **3** postou foto em um supermercado

NAS ALTURAS Perfis associados à direita nas redes sociais elevaram os índices de reprovação do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e do STF (Supremo Tribunal Federal) na semana passada, se mobilizando a ponto de fazer com que 99% de menções às cortes fossem negativas em publicações realizadas no período. A análise é da agência .MAP e não considera robôs.

LUPA As postagens se concentraram no questionamento do sistema eleitoral e na prisão do ex-deputado Roberto Jefferson. No caso das manifestações contrárias ao TSE, elas foram impulsionadas por influenciadores (44,22%), políticos e partidos de direita (37,5%) e perfis militantes (5,30%).

ESTATUETA O cantor Djavan será o vencedor do Prêmio do Compositor Brasileiro deste ano. A quinta edição do Prêmio UBC (União Brasileira de Compositores), que será online, ocorre no dia 7 de outubro com transmissão pelo canal do YouTube da UBC.

EMPREENDEDORAS A ONG Gerando Falcões irá oferecer curso virtual de empreendedorismo para cerca de 6 mil moradores de favelas do Brasil. A iniciativa, realizada em parceria com a Fundação Mapfre, busca proporcionar a emancipação financeira, social e emocional das mulheres. Ao final, serão selecionados 77 projetos empreendedores que receberão investimento de R\$ 4.500.

Fora de ordem

Continuação da pág. C1

O direito ao voto para mulheres, a mecânica quântica, o automóvel particular, os clubes de dança são elementos de uma nova era que se contrapõe ao horror dos anos passados. Algo como quando o Renascimento sucedia a peste e encerrava a Idade Média.

Ainda que a relação de causa e consequência não dá a totalidade de ambos momentos históricos, tampouco se ignora a cisma causada por grandes eventos como esses. Há nessas rupturas também uma vontade latente, um dever de alegria no futuro que solapa a crise.

Sinal desse espírito na década de 1920 é não apenas o caráter multi-situado da produção artística de então, mas também seu espírito antecipador, "avant la lettre". Nas paredes do Guggenheim, o Novo Objetivismo alemão e o Manifesto Dada —assinado quase exclusivamente por homens, vale dizer— celebram o traço certo, pontudo, para frente. A ficção científica "Metropolis", de Fritz Lang, divide espaço com "Ballet Mécanique", de Fernand Léger, um dos primeiros filmes experimentais de que se tem notícia.

Cartazes da época revelam a transição da criação manual para o modelo fabril, gráfico. A fotografia começa a ganhar status de arte na inquietude de nomes como László Moholy-Nagy e suas imagens construtivistas. O artista húngaro foi um dos professores da Bauhaus, escola alemã que surge em 1919 entre a Revolução Russa e a nascente indústria cultural norte-americana. "Existia nessa época o imperativo de tornar arte democrática", disse a curadora.

Nome que influenciou Oscar Niemeyer, El Corbusier ajuda a fundar o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna em 1928. O arquiteto franco-suíço, cujo trabalho também está exposto no museu, ecoa em outras gerações assim como a década de 1920 reverbera adiante —dos quadrículaes de Mondrian à pop art, do pretinho básico de Coco Chanel, atendendo a mulher que surge no pós-guerra, à estética Twiggy, símbolo dos anos 1960.

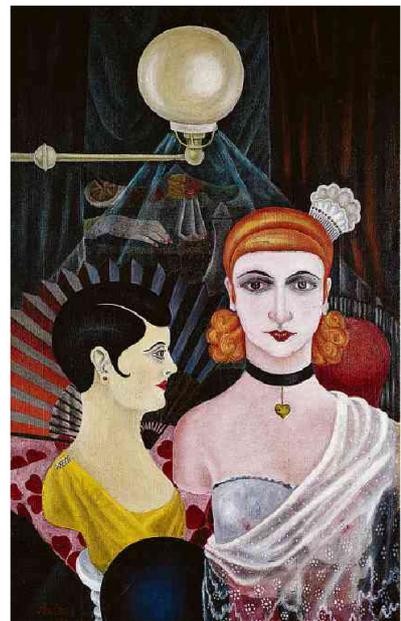
Pouco diz tanto sobre a década de 1920 quanto a música. Muito porque nos processos de produção, distribuição e fruição da que seria a mais popular entre elas, o jazz, linguagens e ícones daqueles anos se encontravam. Não é por acaso que os "loucos anos" também são conhecidos como "A Era do Jazz".

Em notório avanço da tecnologia elétrica, a música se sutancia como cultura de massa com as primeiras transmissões comerciais de rádio e a intensa produção de discos —mais de cem milhões por ano nos Estados Unidos somente na década de 1920. O jazz, pop e popular, com boa parte desses fonogramas, e bandas embalam "flappers" e "garçonnes", como eram chamadas as jovens eufóricas de Nova York e Paris, ao som de charleston, ragtime e swing.

"Tentamos criar algo vivo aqui, algo que não fosse nem nostálgico, nem museológico", ressaltou Calixto Bieito, diretor de teatro que cuidou da cenografia da exposição no Guggenheim. Uma pequena pista de dança no museu convida o visitante a mergulhar no cenário das festas da época enquanto standards da banda de King Oliver tocam nos auto-falantes.

Se a curadoria da exposição fosse um pouco mais ousada, a trilha teria alguma faixa de Os Oito Batutas, grupo que encantou a Europa em 1921 com maxixes, tangos brasileiros e choro. Choro e jazz não são a mesma coisa, mas compartilham elementos que floresceram na década de 1920 em suas principais figuras —Louis Armstrong e Píxinguinha, líder d'Os Oito Batutas.

Homens negros, áses no uso



Pintura de 1927 da artista alemã Grethe Jürgens Divulgação

do improviso como ferramenta de composição e avançados na forma com que estruturaram seus conjuntos e obras —solistas de inigualável criatividade—, ambos fugiram aos cânones eurocêntricos ao fazer música. Não o fizeram por que reafirmavam a música europeia, mas porque se apropriaram da produção ocidental para fazer avançar a arte moderna que performavam.

Esse modernismo do choro e do jazz é o que difere a década de 1920 da mostra do Guggenheim da década de 1920 vivida em outras partes do globo. É o que teóricos chamam de "modernidade alternativa", ou "modernidades múltiplas".

Nas brechas do mundo ocidental e no continente latino-americano, os anos 1920 mais transformaram que seguiram a lógica de democracia liberal, cultura racionalizada e ideais progressistas —nutridas em parte pelo afluxo da empresa neo-colonizadora.

Aquela década no Brasil assistiu à reconfiguração do tecido social com imigrantes e a primeira geração adulta de homens e mulheres negras nascidos livres, o embate entre padrões europeizados e as bases da política da boa vizinhança dos Estados Unidos, as festas na rua e as músicas urbanas se alçando a símbolos nacionais.

Vemos o sucesso d'Os Oito Batutas do samba amaxixado, o homérico carnavalesco 1910 lavando o que restava daquela outra moral pandemia, a da gripe. Surgem blocos e troças hoje centenários, como o Cordão da Bola Preta 1921. A música latino-americana, por sinal, nunca antes foi tão popular no mundo.

Em 1928, um ano antes da criação da francesa Révue du Cinéma, é fundada a revista brasileira Cinearte. A Semana de Arte de 22 em São Paulo incorpora o espírito da década como plataforma de uma classe artística que, pela primeira vez, formaliza um olhar coletivo para o Brasil.

A perspectiva dessa outra modernidade não só contribui na compreensão do que era o mundo há cem anos, como também permite esboçar quais serão esses novos loucos anos que chegam.

Para a década de 2020, morte por falta de vacinas é um problema que não deve afetar Europa e Estados Unidos, ao contrário de América Latina, África e Sudeste Asiático. E planos de recuperação econômica devem fazer efeito nos principais blocos econômicos do mundo.

O parlamento alemão aprovou em dezembro último um investimento de € 2 bilhões, ou cerca de R\$ 12 bilhões, para aliviar os efeitos

da pandemia no setor cultural do país. Para efeito de comparação, a Lei Aldir Blanc prevê um aporte de R\$ 3 bilhões na cultura brasileira.

Há, sim, esperança de uma euforia global. É impossível não imaginar benefícios da rede científica que se formou para, em pouco menos de um ano, desenvolver vacinas contra o novo coronavírus.

O trabalho remoto talvez acelere mudanças nas estruturas das cidades. Na moda, a ascensão de tecidos inteligentes perde em importância apenas para a busca por cadeias produtivas ecológicas. Os NFTs, ainda em estágio embrionário e questionável, surgem novos rumos para o mercado da arte. Plataformas de áudio e vídeo deixam de ser vitrines para se tornarem espaços de criação coletiva, desterritorializada, de memes no TikTok e ferramentas de manipulação sofisticadas.

No Brasil, por difícil que seja vislumbrar algo, há também entusiasmo com a década pós-vírus. As artes visuais e a primeira geração adulta de homens e mulheres negras nascidos livres, o embate entre padrões europeizados e as bases da política da boa vizinhança dos Estados Unidos, as festas na rua e as músicas urbanas se alçando a símbolos nacionais.

Vemos o sucesso d'Os Oito Batutas do samba amaxixado, o homérico carnavalesco 1910 lavando o que restava daquela outra moral pandemia, a da gripe. Surgem blocos e troças hoje centenários, como o Cordão da Bola Preta 1921. A música latino-americana, por sinal, nunca antes foi tão popular no mundo.

Em 1928, um ano antes da criação da francesa Révue du Cinéma, é fundada a revista brasileira Cinearte. A Semana de Arte de 22 em São Paulo incorpora o espírito da década como plataforma de uma classe artística que, pela primeira vez, formaliza um olhar coletivo para o Brasil.

A perspectiva dessa outra modernidade não só contribui na compreensão do que era o mundo há cem anos, como também permite esboçar quais serão esses novos loucos anos que chegam.

Para a década de 2020, morte por falta de vacinas é um problema que não deve afetar Europa e Estados Unidos, ao contrário de América Latina, África e Sudeste Asiático. E planos de recuperação econômica devem fazer efeito nos principais blocos econômicos do mundo.

O parlamento alemão aprovou em dezembro último um investimento de € 2 bilhões, ou cerca de R\$ 12 bilhões, para aliviar os efeitos